

Perfil clínico-epidemiológico de atendimento antirrábico humano pré e pós-exposição à morcegos no Estado do Pará. 2007 a 2019

Clinical-epidemiological profile of pre- and post-exposure human rabies care to bats in Pará State. 2007 to 2019

Recebimento dos originais: 01/05/2021

Aceitação para publicação: 31/06/2021

Neuder Wesley França da Silva.

Instituição: Secretaria de Estado de Saúde Pública (SESPA), Belém-Pará.

RESUMO

Os morcegos possuem relevância ecológica, entretanto são mantenedores do ciclo aéreo silvestre da raiva, desta feita, o presente estudo tem como objetivo, identificar o perfil clínico-epidemiológico do atendimento antirrábico humano por agressões de morcegos no Pará.

Palavras-chave: Morcegos, Epidemiologia, Saúde pública

1 INTRODUÇÃO

Os morcegos correspondem à única espécie responsável por manter o ciclo aéreo silvestre da raiva, desta feita, qualquer tipo de contato com os mesmos é indicada a realização imediata do esquema profilático de soro e vacinação antirrábica humana, o qual é parte integrante do programa de profilaxia da raiva do Ministério da Saúde (BRASIL, 2019a, 2019b). Ademais, apesar da importância ecológica dos morcegos, assim como qualquer animal silvestre, mesmo que domiciliados e/ou domesticados são classificados como animais de risco, pois a patogenia da raiva nos mesmos não é bem conhecida (BRASIL, 2019a).

No Brasil, entre 2007 e 2019, foram notificadas 7,5 milhões de atendimento antirrábico humano pós-exposição, das quais 81,70% ocorreram por agressões por cães domésticos e 0,70% por morcegos, sendo em 2018, no estado do Pará, os últimos casos envolvendo surto de raiva provocada por morcegos hematófagos em população ribeirinha de Melgaço, onde ocorreram 10 óbitos, todos sem realizarem a profilaxia antirrábica pós-exposição (BRASIL, 2020a). Nestes aspectos, torna-se relevante realizar estudo do perfil clínico e epidemiológico do atendimento antirrábico humano de pré e pós-exposição à morcegos no Pará.

2 OBJETIVO

Identificar e analisar o perfil clínico-epidemiológico do atendimento antirrábico humano de pré e pós-exposição à morcegos no Estado do Pará.

3 MÉTODO

Realizou-se estudo descritivo, quantitativo e retrospectivo do atendimento antirrábico, por meio da análise do banco de dado do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) da Secretaria de Estado de Saúde Pública (SESPA), por município de residência, no Estado do Pará, entre 2007 e 2019. Os dados foram tabulados pelo software TabWin 4.1.5 do Ministério da Saúde e compilados em planilha do Microsoft Excel® 2016 para produção de tabelas e gráfico. Analisou-se as principais variáveis clínico-epidemiológicas de interesse: ano, mês, zona de residência, sexo, faixa etária em anos, tipo de exposição, área anatômica atingida e tratamento indicado, sendo mantidas as informações ignoradas/em branco e realizados cálculos para obtenção de valores absolutos e relativos, média anual e mensal.

4 RESULTADOS

Foram observadas 7.219 notificações de atendimento antirrábico de pré e pós-exposição humana à morcegos, o que correspondeu a 2,18% das notificações envolvendo todas as espécies animais no estado (331.655) e somente superada pelas agressões por caninos (83,25%) e felinos (10,75%). A maior frequência de notificações foi no município de Belém (6,82%), seguido de Portel (5,69%), Abaetetuba (4,57%), Melgaço (4,43%) e Barcarena (4,22%), sendo a média anual e mensal de 555 e 46, respectivamente.

A maioria das notificações ocorreram em 2007 (15,06%), havendo decréscimo de casos até 2018, onde houve a menor frequência (0,30%) e novo aumento em 2019 (4,21%). A frequência de casos foi maior durante o segundo semestre (51,77%), na zona rural (62,11%), abrangendo o sexo masculino (61,73%) e faixa etária de 5 a 64 anos (85,19%) (Tabela 1). Usualmente ocorreu exposição por mordedura (88,14%), atingindo com frequência a região de mãos/pés (61,14%) e membros inferiores (18,96%), ocasionando principalmente ferimentos do tipo único (60,91%) e múltiplos (30,56%), bem como ferimentos profundos (44,29%) e superficiais (42,35%). Na maioria dos casos houve a indicação de tratamento com soro+vacinação (64,12%) e vacinação (20,16%), sendo as notificações envolvendo pré-exposição correspondendo a 7,58% dos casos.

Tabela 1 – Frequência de atendimento antirrábico humano de pré e pós exposição à morcegos, segundo sexo e faixa etária, no Estado do Pará, N=7.219.

Faixa Etária	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
< 1 ano	86	1,19	64	0,89	150	2,08
1-4	344	4,77	306	4,24	650	9,01
5-9	565	7,83	479	6,64	1.044	14,47
10-14	531	7,36	399	5,53	930	12,89
15-19	377	5,22	232	3,21	609	8,44
20-34	1.085	15,03	562	7,79	1.647	22,82
35-49	785	10,88	385	5,33	1.170	16,21

50-64	501	6,94	247	3,42	748	10,36
65-79	166	2,30	75	1,04	241	3,34
≥ 80 anos	15	0,21	13	0,18	28	0,39
Total	4.455	61,73	2.762	38,27	7.217	100,00

Fonte: SILVA, NWF, 2021. Dados extraídos do SINAN/SESPA, 2021

Nota: estão excluídos da tabela dois casos cujos sexos não foram identificados.

5 DISCUSSÃO

Infelizmente, trabalhos envolvendo análises de perfil clínico e epidemiológico relacionado ao atendimento antirrábico abrangendo apenas morcegos são escassos, o que se deve possivelmente, em decorrência da maioria das agressões serem provocadas por cães e gatos e assim, despertarem maior interesse pelo estudo nessas espécies.

Na América Latina, no entanto, o morcego tem representado o principal animal veiculador do vírus da raiva em surtos nos últimos anos (NAHUM KCP, 2017). Somente no Brasil a raiva humana por morcego (n= 20) foi a principal causa de óbito entre 2010 e 2020 (BRASIL, 2020b). Desta feita, o presente estudo demonstra a importância da realização de maior abordagem na literatura brasileira sobre perfis do atendimento antirrábico de pré e pós-exposição à morcegos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou um decréscimo de notificações do atendimento antirrábico de pré e pós-exposição à morcegos no Pará, havendo mais notificações de residentes em Belém, seguido de Portel, Abaetetuba, Melgaço e Barcarena. Envolveram frequentemente, residentes de zona rural, do sexo masculino, na faixa etária de 5 a 64 anos, que sofreram mordeduras, atingindo frequentemente a região de mãos/pés e membros inferiores, ocasionando ferimentos tipo único e múltiplos, profundos e superficiais. Houve predomínio na indicação de soro+vacinação, seguido de vacinação, sendo poucos casos de pré-exposições. Ademais, há necessidade de estudos envolvendo perfis clínicos-epidemiológicos de atendimento antirrábico humano envolvendo apenas morcegos.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde, Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. Raiva. *In* Guia de Vigilância em Saúde [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde, 2019a, v (1). 626-651. ISBN 978-85-334-2706-8.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema de Informação de Agravos de Notificação: Atendimento antirrábico. 2019b.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Raiva: situação epidemiológica da raiva humana e profilaxia antirrábica humana. 2020a.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Casos de raiva humana por espécie animal agressora no período de 2010 a 2020. Brasil. 2020. 2020b.
5. NAHUM KCP. Situação epidemiológica da agressão por morcegos em humanos na região do Nordeste Paraense no período de 2000 a 2015. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde Animal na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Pará, 2017.